



UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE

**UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE – UNIPLAC  
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA/LÍNGUA INGLESA**

**ANA PAULA KUSTER DA SILVA**

**REPRESENTAÇÕES E LUTAS DE MULHERES NAS OBRAS UM TETO TODO  
SEU DE VIRGINIA WOOLF E A FILHA PERDIDA DE ELENA FERRANTE:  
POTENCIALIDADES E LIMITES**

**LAGES – SC**

**2022**

**ANA PAULA KUSTER DA SILVA**

**REPRESENTAÇÕES E LUTAS DE MULHERES NAS OBRAS UM TETO TODO  
SEU DE VIRGINIA WOOLF E A FILHA PERDIDA DE ELENA FERRANTE:  
POTENCIALIDADES E LIMITES**

Monografia apresentada à Universidade do Planalto  
Catarinense – Uniplac, como parte dos requisitos  
para a conclusão do Curso de Graduação de  
Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa/Língua  
Inglês.

Orientador(a): Prof. Me. Katia Marlowa Bianchi  
Ferreira Pessoa

Coorientador(a): Prof. Dra. Mareli Graupe

**LAGES – SC**

2022

**ANA PAULA KUSTER DA SILVA**

**REPRESENTAÇÕES E LUTAS DE MULHERES NAS OBRAS UM TETO TODO  
SEU DE VIRGINIA WOOLF E A FILHA PERDIDA DE ELENA FERRANTE:  
POTENCIALIDADES E LIMITES**

Monografia apresentada à Universidade do Planalto Catarinense - Uniplac, como parte dos requisitos para a conclusão do Curso de Graduação de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa/Língua Inglesa.

( ) Aprovado ( ) Reprovado Nota: \_\_\_\_\_

Lages, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

**Banca examinadora:**

---

Orientador(a) Prof. Me. Nome

---

Prof. Me. Nome

---

Prof. Me. Nome

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos meus filhos Isabele e Enzo, por todas as vezes que estive ausente durante esta produção, é tudo por vocês e sempre será! Para minha avó Otília (*in memoriam*) pelos seus 87 anos de resistência e a todas as mulheres que lutaram e abriram caminho para a nossa emancipação neste mundo.

## AGRADECIMENTOS

Toda vez que se agradece a algo demonstra-se de alguma maneira os sentimentos mais puros que são possíveis partilhar, os quais tecem na teia da vida um elo transformador e aquece o coração. E para agradecer é necessário se despir de toda armadura que costumamos chamar de orgulho e que nos faz desvencilhar da evolução humana, do aprendizado e principalmente da humanidade.

Assim, agradeço primeiramente a todas as mulheres que estiveram neste chão antes de mim. Sei que não foi fácil construir esse caminho para que seja trilhado por nós. Sei de todos os preconceitos que nós mulheres vivenciamos ao atravessar o nosso corpo, sei dos olhares, dos murmúrios, das dúvidas, já senti muitos deles.

Meus mais sinceros agradecimentos a minha família, meu companheiro, minha filha Isabele e meu estimado Enzo, meus filhos, que por algumas vezes precisei estar ausente, outras eles foram minha base, minha escuta amorosa e sempre serão a minha força, minha garra e minha resiliência, estiveram comigo reforçando a minha capacidade e acima de tudo apoiando as minhas decisões.

Agradeço em especial ao coordenador do curso de Letras, professor Carlos Eduardo Canani, pela sensibilidade, pois lhe afirmo que as palavras têm poder, obrigada por não me deixar desistir, aquele “pense até amanhã” também contribuiu para eu chegar até aqui.

Gratidão à professora Dra Mareli Graupe pelo companheirismo nesta caminhada, por aceitar navegar comigo nessa produção que muitas vezes a professora Mareli foi as velas do meu barquinho, ou até mesmo o vento, direcionando a minha escrita, me ensinando e eu com muita alegria aprendendo com esta mulher professora que tanto admiro.

Meus agradecimentos à minha orientadora professora Kátia Marlowa Bianchi Ferreira Pessoa que foi quem me ajudou na montagem do meu quebra-cabeça, sempre paciente e incentivadora acreditando que conseguiríamos finalizar a tempo, que estava sempre disponível e que foi um dos meus braços durante esse tempo de produção, que corrigiu, ajustou e principalmente não duvidou do que seria produzido. Obrigada professora Kátia!

Posto isto, agradeço e estendo a minha admiração e carinho pelos estimados professores que durante esse percurso contribuíram para a minha formação enquanto professora e o mais importante enquanto ser humano, e assim como diz Rubem Alves, “Professor tem que ser provocador” e vocês, mestres foram grandes PROVOCADORES em mim.

Por fim, estendo a minha gratidão a todos os que cruzaram meu caminho desde a primeira vez que senti brotar em meu âmago o desejo de ser professora, fato este que não faz muito tempo, agradeço aos meus colegas do curso de Letras por me ensinarem tanto, agradeço imensamente a todos que de maneira direta ou indireta estiveram comigo até aqui, muito obrigada.

*“Porque sobre as mulheres muito pouco se sabe. De nossos pais sempre sabemos alguma coisa, um fato, uma distinção. mas de nossas mães, de nossas avós , de nossos bisavós, o que nos resta? Nada além de uma tradição. Uma era linda; outra era ruiva; uma terceira foi beijada pela rainha. Nada sabemos sobre elas, a não ser seus nomes, as datas de seu casamento e o número de filhos que tiveram”*

**Virginia Woolf**



## RESUMO

O presente estudo tem o intuito de analisar o cruzamento de ideais entre o ensaio *Um Teto Todo Seu* de Virginia Woolf e a personagem principal Leda de *A filha Perdida* da escritora Elena Ferrante, ressaltando as potencialidades e limitações dos escritos literários femininos na constituição da emancipação da mulher e suas possibilidades de transformação no meio social, emergindo diálogos das relações de poder, do patriarcado acerca das violências realizadas contra a mulher no decorrer da história da humanidade. De maneira geral, o diálogo dar-se-á na perspectiva de ampliar a visão por meio da emancipação das mulheres pela palavra, o percurso e desafios enfrentados pela mulher no âmbito literário, possibilitando o conhecimento a todos os interessados pela temática. Sendo assim, esse estudo possibilitou um diálogo entre uma obra de não ficção com uma de ficção em épocas diferentes e através de seus escritos expressaram ideais e opiniões contribuindo para liberdade das mulheres e sobretudo o lugar de protagonismo da mulher.

**Palavras-chave:** Palavras (d)e mulheres. Liberdade. Emancipação financeira. Maternidade.

## **ABSTRACT**

The present study aims to analyze the intersection of ideals between Virginia Woolf's *A Room of One's Own* essay and the main character Leda of *The Lost Daughter* of the writer Elena Ferrante, highlighting the potentialities and limitations of female literary writings in the constitution of women's emancipation and their possibilities for transformation in the social environment, emerging dialogues from power relations, patriarchy about the violence against women throughout the history of humanity. In general, dialogue will take place in the perspective of broadening the vision through the emancipation of women by the word, the path and challenges faced by women in the literary sphere, enabling knowledge to all those interested in the theme. Thus, this study allowed a dialogue between a work of nonfiction with a work of fiction in different times and opinions contributing to women's freedom and above all the leading place of women.

**Keywords:** Words (d)and women. Freedom. Financial emancipation. Motherhood.

## **LISTA DE TABELAS**

Quadro 1 -	<b>QUADRO COMPARATIVO SOBRE A VIDAS DAS ESCRITORAS E SUAS IDEIAS</b>	37
------------	--	----



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>1 – A JORNADA DAS MULHERES NA LITERATURA: PERCURSOS E PERCALÇOS</b>	<b>15</b>
1.1 A AUSÊNCIA DO RECONHECIMENTO DA MULHER NO ESPAÇO LITERÁRIO	15
<b>2 – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA FIGURA DA MULHER NA HISTÓRIA DE VIDA DE VIRGINIA WOOLF E DA ESCRITORA ELENA FERRANTE</b>	<b>24</b>
2.1 O MODERNISMO E A INFLUÊNCIA NA PRODUÇÃO DE VIRGINIA WOOLF	24
2.2 O PÓS-MODERNISMO NAS PRODUÇÕES DE ELENA FERRANTE	25
2.3 A EXISTÊNCIA DE VIRGINIA WOOLF: DA PALAVRA À ABUNDÂNCIA	26
2.4 A EXISTÊNCIA DE ELENA FERRANTE: DA PALAVRA A ABUNDÂNCIA	29
<b>3 CRUZAMENTO DE IDÉIAS ENTRE VIRGINIA WOOLF NO ENSAIO UM TETO TODO SEU E A PERSONAGEM LEDA DE ELENA FERRANTE</b>	<b>30</b>
3.1 A EMANCIPAÇÃO DA MULHER POR MEIO DA PALAVRA	30
3.2 OS DESAFIOS NO UNIVERSO FEMININO NO ENSAIO DE NÃO FICÇÃO UM TETO TODO SEU E A PERSONAGEM LEDA DA NARRATIVA A FILHA PERDIDA	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>39</b>

## INTRODUÇÃO

Esta monografia possui como temática ampliar o diálogo acerca da emancipação da mulher pela palavra, o percurso e os desafios enfrentados no âmbito literário, principalmente no que diz respeito às desigualdades de gênero perpassados pela figura feminina durante a história da humanidade.

Primeiramente, deve-se ressaltar que ao longo da constituição da humanidade as mulheres tiveram suas vozes silenciadas e a partir disso, poucos são os registros e sua identidade, principalmente na construção da literatura, no século XX surge o Modernismo no período temporal que separou a Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918) e a Segunda (1939 - 1945). A sua origem se situa, portanto, numa época atravessada por conflitos, revoluções e transformações sociais profundas.

Em 1882, na Inglaterra, nasce Virginia Woolf, uma voz potente feminina que emergiu contundente, relatando e problematizando as desigualdades de gênero em seus textos e questionando a universalidade de direitos que emergiram apenas para a figura masculina, principalmente as desigualdades financeiras e sociais.

Começou a escrever quando ainda era criança, seu pai era crítico literário o que foi fundamental para a sua formação enquanto leitora assídua e feminista. Aos nove anos, produziu um jornal que circulou somente no âmbito familiar, já em 1910, atuou em uma campanha a favor do voto feminino. Desde jovem defendia a emancipação da mulher, principalmente através de condições financeiras e sociais igualitárias, concepções incipientes que passaram a compor as lutas feministas no tempo presente, como, por exemplo, a autonomia feminina e a igual dignidade entre homens e mulheres.

Em uma época em que as mulheres eram silenciadas e silenciosas, vistas apenas como objetos de propriedade dos homens (pais, maridos, senhores), o simples fato de uma mulher ter acesso à liberdade financeira, à educação, ou ser lida e reconhecida por homens e mulheres, assustava os homens o que os fizeram controlar as mulheres.

Virginia Woolf constituiu feito notável e digno de admiração e reconhecimento a essa memorável escritora que transcendeu o seu tempo, instigando o estudo, a pesquisa e o consequente resgate da condição feminina. Este estudo pretende realizar uma análise entre o ensaio intitulado *Um Teto Todo Seu*, de Virginia Woolf e a personagem principal Leda da narrativa *A filha perdida* de Elena Ferrante, realizando um recorte histórico dialogando com o tempo presente.

Elena Ferrante é o pseudônimo de uma escritora italiana, cuja identidade ainda não foi revelada. Especula-se que seja uma tradutora italiana, pois a autora concede poucas entrevistas, todas elas por escrito e intermediadas pelas suas editoras italianas. Nelas, explica que optou pelo anonimato para poder escrever com liberdade, e também para que a recepção de seus livros não seja influenciada por uma imagem pública. É provável que as suas obras tenham nascido em Nápoles, uma vez que livros como a tetralogia "Série Napolitana", trazem uma descrição detalhada da cidade e de seus costumes. Através de suas obras, é possível perceber que Elena Ferrante apresenta um sólido conhecimento dos autores clássicos gregos e latinos.

O ambiente literário sempre foi turbulento para as mulheres. Durante aproximadamente cinco séculos, os métodos e as práticas de publicação de livros permaneceram os mesmos. Entretanto, no início do século 21, a indústria de livros talvez chegou perante a um dos principais desafios desde a época de Gutenberg, trazendo à tona uma conjunção de pressões econômicas e mudanças tecnológicas o que vem forçando o ambiente literário a transformar as suas práticas e a refletir profundamente acerca da figura feminina em nossa era.

Este trabalho possui como **objetivo geral** identificar as potencialidades e limitações dos discursos sobre as representações e lutas das mulheres nas obras *Um Teto Todo Seu* de Virginia Woolf e *A filha perdida* de Elena Ferrante sobre a emancipação das mulheres, sendo assim, aprofundar os conhecimentos sobre as contribuições da mulher na literatura durante a nossa história, para então ser possível analisar as potencialidades e limitações dos escritos literários femininos na constituição da emancipação da mulher e suas possibilidades de transformação no meio social e por fim possibilitar dialogar acerca das violências implícitas realizadas contra a mulher a partir das obras *Um Teto Todo Seu* de Virginia Woolf e *A filha perdida* de Elena Ferrante.

A perspectiva deste estudo pretende ampliar o diálogo acerca da emancipação da mulher pela palavra, o percurso e desafios enfrentados no âmbito literário, possibilitando o conhecimento a todos os interessados pela temática, sendo assim, trazendo à tona as contribuições da figura feminina para a emancipação, sobretudo o lugar de protagonismo feminino. **Este estudo busca respostas à seguinte questão:** Quais são as potencialidades e limitações dos discursos sobre as representações e lutas das mulheres nas obras *Um Teto Todo Seu* de Virginia Woolf e *A filha perdida* de Elena Ferrante sobre a emancipação das mulheres?

Portanto, no momento presente, pensando na configuração social e a partir das contribuições das mulheres para a literatura, pode-se dizer que a literatura precisa estar entrelaçada a todas as mulheres autoras, é necessário problematizar duas questões evidentes. Uma delas diz respeito ao acesso à literatura tradicional, especificamente em relação ao espaço literário que trazem predominantemente a figura masculina na literatura disponível. Em outra perspectiva está ligada a provocar o hábito pela literatura, que por vezes, não é apreciada e instigada pelos leitores. Desta maneira, é fundamental desenvolver e proporcionar a problematização acerca das produções literárias criadas por mulheres.

O presente estudo desenvolve-se, então, em três capítulos, estruturados da seguinte maneira:

No primeiro capítulo da pesquisa, *A JORNADA DAS MULHERES NA LITERATURA: PERCURSOS E PERCALÇOS* será realizado um delineamento histórico por meio dos registros das contribuições da mulher para a literatura, contextualizando algumas autoras e suas contribuições para a literatura e para a libertação feminina. Já no segundo capítulo *REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA FIGURA DA MULHER NA HISTÓRIA DE VIDA DE VIRGINIA WOOLF E DA ESCRITORA ELENA FERRANTE* abordaremos quem são as escritoras estudadas Virginia Woolf e Elena Ferrante. No terceiro e último capítulo *CRUZAMENTO DE IDEIAS ENTRE VIRGINIA WOOLF NO ENSAIO UM TETO TODO SEU E A PERSONAGEM LEDA DE ELENA FERRANTE* deste estudo está direcionado para análise entre o ensaio Um Teto Todo Seu de Virginia Woolf e a personagem principal Leda do livro A filha Perdida de Elena Ferrante.



## **1 – A JORNADA DAS MULHERES NA LITERATURA: PERCURSOS E PERCALÇOS**

É sabido que, durante muito tempo em nossa história, a mulher foi excluída do grupo intelectual da sociedade por ser julgada, principalmente pelos constituintes desse grupo, isto é, os homens, um ser não dotado de inteligência ou capacidade intelectual. Desse modo, considerando essa linha de pensamento, a mulher só servia para cuidar das crianças e dos afazeres domésticos, por exemplo, lavar, cozinhar, passar, dentre outros.

No entanto, essa realidade começa a ser transformada no final do século XIX começo do século XX, propiciando a introdução das mulheres em outros espaços além dos cuidados do lar e da família. Nesse limiar, algumas mulheres partiram para o campo literário, como foi o caso de várias autoras que se destacaram como escritoras, tendo suas produções reconhecidas, publicadas e que foram bem criticadas e elogiadas.

### **1.1 A AUSÊNCIA DO RECONHECIMENTO DA MULHER NO ESPAÇO LITERÁRIO**

Considerando a trajetória das lutas de mulheres durante o percorrer da nossa história enquanto sociedade, o presente trabalho abordará acerca dos direitos negados no espaço literário para as mulheres. No capítulo em questão será construído um diálogo sobre os registros da mulher escritora. A seguir, será abordado o reconhecimento da produção feminina na ficção.

A palavra Literatura vem do latim que significa letra. No entanto, nem sempre é fácil conceituá-la. Para isso, é necessário consultarmos os verbetes de um dicionário. Normalmente, a literatura como a arte que faz uso da linguagem como matéria prima, entretanto a definição acerca do conceito de literatura encontrada nesses verbetes pode ser visualizada como rasa e pouco ampla, visto que o conceito sofre mudanças com o passar dos anos. Diante do exposto, e como na maioria das ciências, visualiza-se, ao longo da história literária, que a participação das mulheres ocorreu de forma gradual, para tanto, como sinaliza Woolf (2019, p. 15):

Como os árbitros das convenções são os homens, pois foram eles que estabeleceram uma ordem de valores na vida, e já que é na vida que em

grande parte a ficção se baseia, também aqui, na ficção, em extensa medida, esses valores prevalecem.

Ainda, ao longo de muitos séculos, persiste a imagem da mulher em condições equivalentes à de escrava, submissa, em um período da nossa história em que ser livre significava, basicamente, ser homem. As funções primordiais femininas eram a reprodução, a amamentação e a criação dos filhos, isto é, as mulheres estavam fadadas aos afazeres domésticos.

Porque sobre as mulheres muito pouco se sabe. A história da Inglaterra é a história da linha masculina, não da feminina. De nossos pais sempre sabemos de alguma coisa, um fato, uma distinção. Eles foram soldados ou foram marinheiros; ocuparam tal cargo ou fizeram tal lei. Mas de nossas mães, de nossas avós, de nossas bisavós, o que resta? Nada além de uma tradição. Uma era linda; outra era ruiva; a terceira foi beijada pela rainha. Nada sabemos sobre elas, a não ser seus nomes, as datas de seus casamentos e o número de filhos que tiveram. (WOOLF, 2019, p. 10).

Partindo das reflexões anteriores e o que a mulher sofreu e resistiu para ocupar espaços precisou comprovar e legitimar sua capacidade, há registros que a primeira escritora conhecida na história da humanidade foi uma mulher tendo composto vários trabalhos literários. Conforme é citado no *site “hypeness”* (2022, s/p), a “sua produção inclui dois hinos: à deusa mesopotâmica do amor Inanna, o mito de Inanna e Ebi, tendo uma coleção conhecida como “Hinos Sumérios do Templo” (são 42 no total!)”.

Na Mesopotâmia, no século 23 antes da nossa era, viveu a princesa, sacerdotisa e poeta Enheduanna. A escritora era filha do rei Sargão, o Grande. Antecedendo a Enheduanna outras obras foram escritas, contudo seus autores ou autoras permaneceram anônimos. Ainda assim, as contribuições da escritora eram assinadas por ela e com frequência envolviam referências à sua própria biografia. Dada a breve explanação, é possível compreender que nas tradições dos escribas, na antiguidade, tinham tendências a serem consideradas masculinas, entretanto as obras de Enheduanna demonstram que a literatura da Mesopotâmia também tinha assinatura feminina.

No decorrer da história da humanidade, além da princesa Enheduanna, muitas outras rainhas e esposas compunham ou encomendavam poesia e também produziam variados textos. A presença de mulheres alfabetizadas era tão forte que eles inclusive adoravam uma deusa escriba chamada Nidaba. Tendo em vista os dados históricos, em meados do ano 612 a. C viveu Safo, contemporânea de Pítao e Alceus.

Estranhos intervalos de silêncio parecem separar um período de atividade de outro. Numa ilha grega, houve Safo e um pequeno grupo de mulheres, todas

escrevendo poesia seiscentos anos antes do nascimento de Cristo. (Woolf, 2019, p.10)

Considerada a maior poetisa grega, do gênero lírico, provavelmente a primeira escritora a marcar a história da literatura ocidental. Nascida na ilha de Lesbos, situada no nordeste do Mar Egeu, na cidade de Mitilene, Safo nasceu no seio de uma família rica e se dedicou precocemente ao aprendizado da dança, da retórica e da poética. Luxo só reservado para uma minoria da época, isto é, somente para a fatia aristocrática da sociedade da época. Apesar do valor de sua obra, seu alto teor de erotismo, acarretou na Era Medieval a censura de sua poética, o que desafortunadamente resultou na perda de grande parte dos seus textos que foram queimados pela Igreja e raros fragmentos sobreviveram ao longo do tempo.

Ainda com base nos achados para realização desta pesquisa, observa-se que algumas escritoras tiveram reconhecimento e seus trabalhos sobreviveram ao tempo, porém existiram escritoras que não foram nem conhecidas, tão pouco mencionadas por escritores da época, ou seja, seus trabalhos não atravessaram a história. E naturalmente, havia outras escritoras em que o trabalho foi simplesmente silenciado, cujos nomes não se sabe ou não se quis dizer.

Na contemporaneidade não há como justificar a figura da mulher como sendo frágil e incapaz. Entretanto, visualiza-se que, desde os primórdios, a figura feminina foi hostilizada, diminuída, silenciada e segregada de diversos espaços sociais, educacionais e políticos, sempre com a desculpa de que era inferior ao homem. Aristóteles, ao escrever “A Política” (2014), disse que a mulher é naturalmente submissa ao homem. Em História dos Animais, por sua vez, ele aponta:

Portanto, as mulheres são mais compassivas e prontas a chorar, mais invejosas e mais sentimentais e mais contenciosas. A fêmea também está mais sujeita à depressão do espírito e ao desespero do que os homens. Ela é também mais desavergonhada e falsa, mais prontamente enganada, e mais atenta às injúrias, mais ociosa e, em geral, menos excitável que o macho. Pelo contrário, o macho está mais disposto a ajudar e, como já foi dito, mais valente do que a fêmea (ARISTÓTELES, 2014, p.75).

Todavia, a figura da mulher foi o personagem de narrativas escritas por homens, o que desencadeou a limitação ao acesso no espaço de produção literária, uma vez que as mulheres eram vistas como propriedade e também como objetos do patriarcado, sendo negado o acesso a esses espaços, conseqüentemente naturalizando a sua invisibilidade.

Contudo, durante a maior parte da história, inexpressivas mulheres escreveram, e a maioria não sabia ler justamente pela falta de espaço e acesso ao conhecimento. Virginia

Woolf (2014, p. 67) exemplificou tal fato quando escreveu: “ela pouco conseguia ler, mal conseguia soletrar e era propriedade do marido”.

Sob o mesmo viés, não se deve somente consumir textos escritos por mulheres, mas também nos questionar os papéis das personagens femininas nas histórias, porque muitas ainda seguem os imaginários de mulheres indefesas e submissas, ao invés de reforçar a ideia de liberdade e força, bem como fez Virginia Woolf em sua contribuição na produção literária e de maneira inquestionável, escreve neste sentido a escritora italiana Elena Ferrante nos dias atuais.

A antiga América Colonial Espanhola também tem uma escritora que se destacou em meio aos homens escritores da época. Em 1648, em Nepanta, nasce Juana Inés de Asbaje, que viveu na Cidade do México. Era filha bastarda de uma crioula (nascida na América de pais espanhóis) e de um fidalgo basco. Ela chegou a conhecer o pai. Aprendeu a ler com apenas 3 anos de idade. Ainda menina, solicita à mãe que a disfarce para frequentar aulas na universidade.

Sor Juana Inés de la Cruz foi uma das notáveis figuras da poesia em língua espanhola no século XVII, o “Século de Ouro Espanhol”. Sor Juana desempenhou como ninguém os maneirismos do barroco – a retórica elevada, o virtuosismo linguístico, o interesse pela contradição e pelo exagero. Compôs poemas, comédias teatrais e defendeu o direito da mulher à educação, vindo a falecer em 1695, deixando um legado pouquíssimo reverenciado. É importante ressaltar que ela foi a primeira pessoa da América Colonial Espanhola a colocar um negro como personagem em livros.

A nebulosidade acerca da figura feminina por muito tempo foi perpetuada, para tanto, engendrar o silêncio nas mulheres era comum “fazia parte da ordem das coisas”. Como salienta Michelle Perrot, no livro *Minha História das Mulheres* (2019, p.17): “Mas o silêncio mais profundo é o do relato”.

Havia um consenso que a relação mulher e escrita era inconcebível, algo que estava ligada à própria anatomia feminina. Tal conceito foi amplamente difundido no decorrer da história humana, bem como documentado sem reservas em trabalhos de diferentes áreas produzidos por homens. Apenas o ambiente doméstico e os afazeres, tais como os cuidados com a casa e com a família eram permitidos às mulheres. Nesta perspectiva, Michelle Perrot (2006, p. 96) aponta:

Mas as mulheres são suscetíveis de criar? Não, diz-se frequentemente e continuamente. Os gregos fazem do pneuma, o sopro criador, propriedade

exclusiva do homem. “As mulheres jamais realizam obras-primas”, diz Joseph de Maistre. Auguste Comte as vê como capazes apenas de reproduzir. Como Freud, que lhes atribui, entretanto, a invenção da tecelagem: “Estima-se que as mulheres trouxeram poucas contribuições às descobertas e às invenções da história da cultura, mas talvez elas tenham inventado uma técnica, a da trançagem e da tecelagem” por que isso? Alguns dão para essa deficiência um fundamento anatômico.

Por meio desse prisma, é possível crer que os discursos, assim como o silenciamento perpetuado à figura feminina, podem ser instrumentos e efeitos de poder, e também um empecilho para galgar espaços estritamente reservados à figura masculina, sendo assim um ponto de resistência. Para Foucault (2014, p.110), “o discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo”. E de acordo com Jane Austen:

Os homens tomaram todas as vantagens sobre nós ao poderem escrever sua própria história. A educação deles tem sido muito melhor que a nossa, a pena está nas mãos deles, e não permitirei que os livros provem nada (a respeito das mulheres). (AUSTEN, 2016, p. 54)

O mencionado anteriormente pode estar atrelado ao discurso androcêntrico, que no decorrer da humanidade, foi o discurso dominante, corroborando a ideia de inferioridade intelectual feminina. Reforçando a relação de poder que reverberou em todos os âmbitos da vida do ser feminino e que perpetuam as desigualdades de gêneros até o tempo presente

Logo, as questões de gênero estavam presentes na constituição dos sujeitos e, de acordo com Rago (1998, p. 3), “as mulheres trazem uma experiência histórica e cultural diferenciada da masculina”. A perpetuação das desigualdades de gênero ultrapassa os limites de todo e qualquer acesso, seja econômico, educacional ou até mesmo social, pois as mulheres nem sempre desfrutam da liberdade de galgar esses espaços, fato presente nessa análise histórica realizada.

Visualiza-se que atualmente as mulheres ganham espaço enquanto escritoras e conseguem falar sobre vivências, rotinas, dificuldades, ganhos e perdas de uma vida que se equipara a do sexo masculino. Nesse contexto, a narrativa, *A Filha Perdida* (2006), da escritora italiana, cujo pseudônimo é Elena Ferrante, constrói um diálogo acerca da maternidade ideal e o cotidiano no tempo presente, traçando um paralelo com a criação e abandono das suas duas filhas, na infância.

Os costumes e tradições que a sociedade estabelece para a vivência e também sobre as mulheres são impetuosos e unilaterais, contornar o padrão imposto para com a figura feminina não é tarefa fácil, senão, algo negativo à moral e aos bons costumes. Esse fato foi imposto tanto pelos homens, que são dominantes na sociedade, quanto pela grande massa.

A **escritora Elena Ferrante** representa uma ruptura nesse papel, por meio da personagem Lina: uma mãe que abandona as filhas, que está feliz por estar sozinha e ter as filhas longe. Atitude essa, tomada enquanto as filhas da personagem ainda eram crianças e que reverberam no futuro de Lina, postura que é julgada e sentenciada se qualquer mulher a fazer, pois o cuidado materno é parte da vida das mulheres e a sua carreira educacional, profissional ou qualquer outro desejo, para esta conjuntura social não é relevante.

Ainda outro fato que merece destaque é que para a maioria das mulheres foi determinado que ao longo da história, algumas obrigações são inerentes a elas. O que limita, por consequência, o alcance a lugares em que os homens dominam, já que há muito tempo, especificamente após a revolução industrial, com o advento da invenção da máquina a vapor, as mulheres iniciaram sua jornada de trabalho. Além disso, as mulheres foram impedidas de adentrar nos ambientes escolares e diversos outros espaços.

Agregando ao pensamento anterior, constata-se que a intempérie que perdurou durante séculos foi a invisibilidade feminina, em todos os espaços, e quando se coloca em pauta a questão da relação da mulher com a produção literária, o que se tem a respeito dessa questão é que os soberanos que detinham o poder da pena em mão sempre foram os homens.

Ademais, as relações de poder reverberam de maneira elevada nos espaços de criação, além do mais, nas representações que os homens promoviam acerca das mulheres. As moças, senhoras, donas, dentre tantas outras nomenclaturas estereotipadas recebidas geralmente por homens, sempre eram idealizadas de uma maneira ficcional com o que se acreditava ser mulher, ou seja, o que os homens acreditavam ser mulher, e que eram sujeitas a tais condições impostas. Visão rasa e estereotipada que levava a considerar apenas uma concepção masculina da existência feminina. Certamente, tais idealizações eram fictícias e não condiziam com a realidade.

Para Virginia Woolf (2017, p. 65), no livro *Um teto todo seu*:

De fato, se a mulher não existisse a não ser na ficção escrita por homens, era de se imaginar que ela fosse uma pessoa da maior importância; muito variada; heroica e cruel, esplêndida e sórdida; infinitamente bela e horrenda ao extremo; tão grandiosa como um homem, para alguns até mais grandiosa. Mas isso é a mulher na ficção. Na vida real, como o professor Trevelyan apontou, ela era trancada, espancada e jogada de um lado para o outro.

As mulheres sobreviveram a incontáveis violências, mesmo assim, ainda é possível averiguar que existem paradoxos estruturais na esfera socioeconômica e nas relações simbólicas entre os sexos. Apesar desse assunto as diferenças físicas e psíquicas entre homens e mulheres são utilizadas, principalmente nos discursos, como fator de desigualdade e discriminação, e ainda a mulher sofre com a situação de inferioridade e subordinação, independentemente das conquistas ainda incipientes legadas pelo século XX.

A análise das relações instituídas em nossa sociedade, do mesmo modo, pode ser realizada por meio da apreensão da ordem institucional em que essas relações se inserem. Para tal, Bourdieu (1996) propõe que a dominação masculina está instituída, por um lado, nas coisas, como em divisões espaciais entre homens e mulheres e divisões de instrumentos, e, por outro lado, no pensamento, sob a forma de princípios de visão, de divisão e de classificação, e de taxonomias.

Obviamente, que essas relações (tanto de poder como de gênero) são desenvolvidas diante de um pano de fundo arranjado para garantir uma dominação histórica do homem sobre a mulher, embasado em evidências, ou pressupostos, que por diversas vezes não são questionados, seja por comodidade, seja por receio, ou por falta de argumentos.

Um dos pressupostos defendidos pela escritora americana Bell Hooks é que a opressão firmada e elaborada para com as mulheres é a questão de deixá-las sem opção, ou seja, a autora afirma que opressão é a ausência de opções. (Bell Hooks, 2019, p. 32)

Sequencialmente, visualiza-se que mesmo havendo uma discriminação pelo fato de ser mulher, durante a Revolução Industrial, na Inglaterra no século XVIII, teve um impulso nas questões vinculadas à instrução escolar, pois foi necessário capacitar minimamente as mulheres da classe trabalhadora para o desempenho das atividades trabalhistas. Paralelamente, aquelas pertencentes às classes mais elevadas passaram a ter acesso à leitura e à escrita, todavia ser letrada constituía uma condição fundamental para ser uma boa esposa e uma boa mãe de família.

A realidade é que as mulheres a partir do século XVIII conseguiram adentrar aos espaços de educação, principalmente em virtude da demanda de mão de obra da época, especialmente nas fábricas têxteis da Inglaterra, tornando possível o acesso à educação que foi promovida junto com o ingresso cada vez maior de mulheres no mundo do trabalho.

O fato de veras não altera em si, prontamente, a relação subordinada das operárias na sociedade. Estas mulheres desempenhavam as piores funções no trabalho produtivo, e ainda eram as menos remuneradas. Aos olhos de seus irmãos, pais e maridos, o trabalho feminino não era visto como algo natural, mas decorrente do empobrecimento familiar.

Ao longo da história percebe-se o aparecimento de figuras femininas mobilizadoras sobre o papel da mulher e a sua importância para a sociedade. Olympe de Gouges, pseudônimo de Marie Gouzie, era uma vanguardista na Paris de Maria Antonieta e Luís XVI, e defende convictamente a emancipação das mulheres, a instituição do divórcio e o fim da escravatura. À frente de um grupo de teatro formado apenas por mulheres, Olympe explicitava suas ideias dialogando nas peças que escrevia, em panfletos e até em cartazes, que mandava colar pela cidade.

Numa de suas produções, um panfleto conhecido como a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, Olympe de Gouges invocava a uma revolução: “Ó mulheres! Mulheres, quando deixareis vós de ser cegas?”. Era uma referência direta à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789, documento símbolo da Revolução Francesa, mas que pouco dizia sobre os direitos do sexo feminino. O documento foi encaminhado à Assembléia Nacional da França, para que fosse aprovado, como havia ocorrido com a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (agosto de 1789).

Nesse ínterim da revolução que destituiu a monarquia aos gritos de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, Olympe de Gouges não se limitou a criticar as mazelas do Antigo Regime. Censurava também os abusos do novo regime, escrevendo contra Jean-Paul Marat e Maximilian de Robespierre, líder dos jacobinos, o setor mais extremista da revolução, que ocupou o poder entre 1792 e 1794 e instaurou o Terror contra os opositores.

Ainda assim, sabe-se que Marie de Guzie, que gritava, produzia e publicava em um tempo que as mulheres não tinham voz, ela questionava o sistema e foi silenciada, pois em virtude de seus questionamentos foi sentenciada a ser guilhotinada. Antes de ser executada, Marie Guzie repetiu uma frase que já havia divulgado em panfleto: “Se a mulher tem o direito de subir ao cadafalso, ela deve ter igualmente o direito de subir à tribuna” (GOUGES. 2020, p 47). Muito tempo depois, mais de dois séculos na verdade, a memória de Olympe passa pela fase de maior reconhecimento na França e no mundo.

Tradicionalmente, a posição reservada às mulheres em nossa sociedade e ao mesmo tempo na literatura, legitimado pelo discurso hegemônico, é o do silenciamento (SPIVAK, 2010). Contudo, com a produção literária de autoria feminina, as personagens galgaram o direito à voz, tornando-se, fortuito, narradoras e, como tal, passaram a representar vivências femininas que se distanciam da perspectiva hegemônica masculina.

As práticas discursivas criadas através do viés da mulher levam consigo novos delineamentos de avaliar os papéis dos gêneros naturalizados pelas culturas patriarcais ao longo da história.



Assim, a partir da produção literária de autoria feminina, a noção de representação social ganha um novo sentido, traduzido em termos de representatividade das diversidades sociais e, em especial, de identidades femininas anti patriarcais (ZOLIN, 2010).

Em decorrência do que foi exposto ao participar das criações literárias, as mulheres passaram a reconstruir suas identidades, o ser mulher revelando ao mundo escritoras capazes de contribuição ao cânone literário, assim como profissionais engajadas na educação, política e em diferentes áreas da sociedade do pós-guerra.

Portanto, no próximo capítulo tratar-se-á das representações sociais da figura da mulher na história de vida de Virginia Woolf e da escritora Elena Ferrante sob a ótica dessas autoras, relacionando as suas contribuições com a história da literatura e produção feminina.

## **2 – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA FIGURA DA MULHER NA HISTÓRIA DE VIDA DE VIRGINIA WOOLF E DA ESCRITORA ELENA FERRANTE**

A perspectiva deste estudo pretende ampliar o diálogo acerca da emancipação da mulher pela palavra. O percurso, seus desafios e suas lutas enfrentadas pela mulher no âmbito literário, utilizando a possibilidade de análise nas obras *Um Teto Todo Seu* de Virginia Woolf e *A Filha Perdida* de Elena Ferrante, possibilitando o conhecimento a todos os interessados pela temática. Sendo assim, trazendo à tona as contribuições da figura feminina para a emancipação da mulher a partir da literatura, considerando as novas configurações da sociedade e sobretudo o lugar de protagonismo da mulher. Deste modo, neste capítulo tratar-se-á sobre as representações sociais da figura da mulher na história da vida de Virginia Woolf e da escritora Elena Ferrante.

### **2.1 O MODERNISMO E A INFLUÊNCIA NA PRODUÇÃO DE VIRGINIA WOOLF**

O Modernismo é o principal movimento literário do século XX. Fortemente influenciado pelos movimentos de vanguarda que ocorreram na Europa no início dos anos 1900, este estilo literário foi revolucionário em diversos níveis. O Modernismo foi, sem dúvida, um dos movimentos que mais impactam as formas como pensamos e criamos nos dias atuais. Esse movimento surgiu no período temporal que separou a Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918) e a Segunda (1939 - 1945). A sua origem se situa, portanto, numa época atravessada por conflitos, revoluções e transformações sociais profundas.

Na Europa, a expansão imperialista, iniciada no século XIX, marcada pela exploração de países subdesenvolvidos e pela disputa entre as grandes potências, levou à corrida armamentista e à Primeira Guerra Mundial (1914-1918). O Modernismo surgiu com uma série de movimentos culturais que tinham por objetivo romper com o tradicionalismo de escolas literárias anteriores. O início do século XX foi marcado por movimentos que transformaram a maneira de fazer arte e literatura.

Inegavelmente, pode-se definir "Modernismo" como um conjunto de correntes culturais e escolas artísticas que manifestaram-se na primeira metade do século XX. Sequencialmente, outro fato que merece destaque é que dentro desse rótulo cabiam várias formas de pensamento e nem todas concordavam entre si; na verdade, algumas eram antagônicas. Aquilo que elas tinham em comum era a noção de que a cultura tradicional estava ultrapassada e que, por isso, era necessário encontrar novas ideias e conceitos. Estas

vanguardas partiram, então, em busca do novo, do "moderno". Fortemente marcadas por valores de experimentalismo e transgressão, estas correntes procuravam a ruptura com os padrões, as normas, não só nos modos de criar, mas também de viver e agir em sociedade. Tal ruptura com os valores tradicionais proporcionou a publicação de livros escritos por mulheres e o reconhecimento do valor intelectual feminino exposto nessas obras, sendo Virgínia Woolf e seus livros um exemplo dessas transformações.

Logo, fica evidente que o modernismo literário ganhou força principalmente na Europa e nos Estados Unidos da América. Depois da I Guerra Mundial. Esses autores já não estavam preocupados em servir aos interesses da burguesia, mas sim em expor as incoerências da realidade em que viviam. Dentre elas, as mulheres ocupando espaços que só eram permitidos aos homens. O movimento modernista também trouxe várias técnicas literárias como o fluxo de consciência, os monólogos interiores e ainda a possibilidade de mostrar vários pontos de vista diferentes dentro de uma mesma obra. Virgínia Woolf, como uma escritora de seu tempo, adota essas técnicas em seus livros, principalmente no que se refere ao fluxo da consciência. Desse modo, essas mudanças perpassam muitas décadas até transformar-se no movimento do Pós-Modernismo que será discutido no próximo subtítulo na obra de Elena Ferrante.

## 2.2 O PÓS-MODERNISMO NAS PRODUÇÕES DE ELENA FERRANTE

O movimento do Pós-Modernismo pode-se dizer que foi um movimento cultural de mudanças expressivas em vários segmentos da esfera social. Contudo, aconteceram transformações nas artes, na filosofia, na sociologia e também na área da ciência. Sacudido pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o mundo ansiava por mudanças significativas. Portanto, o Movimento Modernista já não respondia mais a esses anseios sociais. Esse conceito de pós-moderno, criado em 1945, foi modificado nos anos 1960, pois o início dessa nova estética, nas artes em geral, tem como marco A Revolução dos Estudantes na França em 1968. Possivelmente, o advento da internet marca a sua consolidação.

Convém ressaltar que a escritora Elena Ferrante faz parte dessa época, isto é, o Pós-Modernismo, que tem como uma das características a releitura do passado. Esta se apresenta nas obras de Elena Ferrante a começar pelo nome em que se assina, o qual é um pseudônimo, algo que era comum do século anterior. Há indícios de que a pessoa que

usufrui do nome Elena Ferrante seja uma mulher italiana e que já declarou que prefere que seja chamada assim para ter liberdade ao escrever. Muitas pessoas utilizaram outro nome para se esconder ao longo da nossa história. Como por exemplo as irmãs Brontë:

Consideradas as três das maiores escritoras inglesas, as irmãs Charlotte (1816 – 1855), Emily (1818 – 1848) e Anne Brontë (1820 – 1849) começaram a carreira literária usando nomes falsos – Currer, Ellis e Acton Bell, respectivamente – e assim publicaram, em 1847, seus romances *Jane Eyre*, *Morro dos Ventos Uivantes* e *Agnes Gray*. A própria Charlotte afirmou, em uma carta, que as irmãs não gostavam de revelar que eram mulheres “porque, como nossa forma de escrever e pensar não era o que se chama de ‘feminino’, tínhamos a impressão de que seríamos vistas com preconceito enquanto autoras”. (REVISTA CULT, 2018, s/p)

Logo, fica evidente que diversas mulheres escritoras contemporâneas, ou não, fazem uso de pseudônimos ambíguos, como nomes sem gênero ou iniciais seguidas de um sobrenome, para evitar ideias pré-concebidas sobre suas obras, pois nem sempre a figura feminina foi ouvida e respeitada. Uma vez que a história do ocidente foi de soberania masculina, foi através da utilização de pseudônimos que mulheres adentraram no ambiente patriarcal da literatura. Porque ter liberdade ao produzir suas ideias era sinônimo de algo inconcebível, visto que as expectativas em torno do feminino nem sempre foram positivas. E a estratégia para produção literária, por muitos anos, foi o de se esconder atrás de um pseudônimo, de um nome falso, geralmente masculinizado. Desta maneira, foi que grandes escritoras mulheres conseguiram participar do ambiente literário.

### 2.3 A EXISTÊNCIA DE VIRGINIA WOOLF: DA PALAVRA À ABUNDÂNCIA

Adeline Virginia Stephen nasceu em 25 de janeiro de 1882, em Londres, no Reino Unido, fruto de uma família de classe média alta e ligada à alta intelectualidade britânica, filha de Sir Leslie Stephen, historiador, crítico e editor e de sua segunda esposa Julia Prinsep Stephen, mulher notável pela renomada beleza. Foi educada em casa por professores particulares, enquanto seus irmãos estudavam em Cambridge, o que a fazia detestar profundamente essa imensa desigualdade entre ela e seus irmãos.

Aos 13 anos de idade sua mãe vem a óbito a deixando desamparada. Em 1904, depois da morte do pai, mudou-se com seus irmãos para o bairro londrino de Bloomsbury

onde residiam John M. Keynes, E.M. Forster, T.S. Eliot e Bertrand Russell. No ano seguinte, um de seus irmãos veio a falecer, levando Virgínia a entrar em profunda crise nervosa.

A promissora escritora tem contato com o mundo literário desde muito cedo, além do mais quando jovem Virgínia foi membro extremamente ativa do grupo de jovens intelectuais e artistas ingleses conhecido como grupo de Blomsburg. Este grupo era constituído por personalidades britânicas como, por exemplo, os pintores pós -impressionistas Roger Fry, Duncan Grant e Vanessa Bell (irmã de Virgínia); o escritor ativista político Leonard Woolf(marido de Virgínia).

Aos vinte anos já era uma crítica literária experiente. Virgínia Woolf (1882-1941) foi uma escritora e editora inglesa à frente de seu tempo. Uma das precursoras modernistas inglesas do século XX. Conhecida por escrever em suas obras sobre as questões políticas, sociais e feministas, assuntos que para a época não eram apreciados pela maioria.

Sequencialmente, em 1912, Virgínia casou-se com o historiador Leonard Woolf. Leonard se apaixona por Virgínia doce e perdidamente. O casamento foi um grande “negócio” para Virgínia. A união com aquele homem aumentou o seu equilíbrio emocional e a sua segurança como escritora. O curioso é que a família Stephen não avisou Leonard dos problemas de saúde de Virgínia. Tudo indica que a família procurou esconder que Virgínia era “meio louca” com medo que Leonard desistisse do casamento. Leonard adorava Virgínia e a sua capacidade intelectual, e não se preocupava com a frigidez sexual dela de quem herdou o sobrenome com o qual ficaria conhecida.

Desse modo, utilizar o sobrenome do marido possui raízes nos antigos costumes, segundos os quais a mulher não trabalhava, e seu papel primordial na sociedade era constituir família e cuidar da mesma. Para tanto, adotar o sobrenome da família do marido simbolizava que a mulher havia adentrado a família deste, passando a fazer parte dela. Uma vez que o casamento era um negócio.

Na Inglaterra como na França, as mulheres tiveram de lutar pela gestão de seus próprios bens, pelo direito ao divórcio, ao trabalho, pela igualdade ao regime de comunhão de bens, pelo reconhecimento da autoridade parental conjunta etc. Mais tarde, pela escolha da residência e, hoje, pelo sobrenome. A cada vez foram batalhas jurídicas épicas. ( PERROT, 2019. p. 160)

Durante o período entreguerras (1918-1939), o casal passava o tempo realizando impressão de livros à mão – a atividade era um passatempo para Virgínia quando escrever se tornava um processo estressante. Em 1917, Leonard e Virgínia decidiram adquirir

impressoras manuais e fundaram sua própria editora, a Hogarth Press, que funcionava na sala de estar de casa.

Ao falarmos de Virgínia Woolf, não refletimos apenas sobre uma pessoa, mas sim sobre muitas mulheres em uma só. Ela conseguia falar de si mesma e de suas ideias tanto como daquelas com as quais ela mesma pôde se identificar através das fantasias que estavam aprisionadas na domesticidade vitoriana 30 GÊNERO | Niterói | v.17 | n.1 | p. 27 - 49 | 2.sem. 2016 feminina que situava as mulheres no seio familiar, delegando-lhes a correspondência dos ideais patriarcais. (CAVALCANTI, 2016, p. 29)

Ainda outro fato que merece destaque é que Virgínia Woolf tornou-se conhecida com a publicação de “Senhora Dalloway” (1925), um romance em que a escritora faz uma crítica à relação entre estrutura patriarcal da sociedade inglesa daquele tempo, aos desafios enfrentados pelas mulheres para conquistar seu espaço diante do pouco acesso à educação e da opressão sofrida pelos homens. Ademais, no romance de Virginia Woolf, as personagens estão à volta pressionadas por questões tais como o paternalismo, a busca da liberdade feminina, o modo como o país é governado e o trauma provocado pela guerra. São aflições características do período histórico da modernidade, época que estrutura o contexto histórico de Mrs. Dalloway.

Mannoni (1999) diz que Woolf escreveu utilizando a secreção de sua pluma. Nesse sentido, podemos observar que, ao longo de toda sua vida e, mais ainda, através de suas obras, ela desenvolveu acentuado interesse acerca dos significados de ser mulher em seu tempo, bem como dos significantes que se ocultavam por trás de tais significados. Para Fusini (2010, p. 12) “Nos romances, nos ensaios, nas resenhas, nas cartas e nos diários, Virginia Woolf manifesta sua paixão pela existência.”

Tudo isso se soma à questão que sempre ficou muito clara: a forte ligação de Virginia com as mulheres, sejam elas reais ou personagens por ela criadas em sua obra literária. Há muitas especulações no que tange à orientação sexual de Virgínia, chegando-se, em muitos momentos, a atribuir sua empatia pela sensibilidade feminina a uma possível lesbianidade. A sexualidade de Virgínia era muito mais complexa do que se pensava e, segundo Curtis (2005, p. 78), “Diferentemente de Vanessa, que era resolutamente heterossexual, com o tempo, Virginia se sentiria atraída por homens e mulheres.” O fato é que sempre demonstrou, ao longo de toda sua vida e de sua arte, um interesse especial pelo feminino, apreciando e valorizando suas amizades com as mulheres, uma vez que elas “lhe deram o estímulo, o apoio, a segurança e o cuidado maternal pelos quais Virginia, privada de sua mãe aos treze anos, ansiou incansavelmente.” (CURTIS, 2005, p. 15).

Ao longo de sua carreira como escritora Virginia Woolf tem como seus principais textos o livro *Mrs. Dalloway* (1925), *Ao Farol* (1927), *Orlando* (1928) e *Um Teto Todo Seu* (1929). Essas e suas obras restantes são marcadas pelo fluxo de consciência, técnica literária em que se escreve o processo de pensamento não-linear de uma personagem. E sobre a sua profissão ela afirmou que:

Minha profissão é a literatura; e é a profissão que, tirando o palco, menos experiência oferece às mulheres - menos, quero dizer, que sejam específicas das mulheres. (WOOLF, VIRGINIA, 2021, p. 9)

Portanto, com nove romances publicados e mais de 30 livros de outros gêneros, Virginia Woolf continua sendo uma das escritoras mais influentes da literatura mundial, a autora que mais revolucionou a narrativa no século XX e quem mais defendeu os direitos das mulheres através de seus textos.

#### 2.4 A EXISTÊNCIA DE ELENA FERRANTE: DA PALAVRA A ABUNDÂNCIA

Primeiramente, não há fatos que confirmem quem realmente é a figura de Elena Ferrante, sendo assim, acredita-se que Elena Ferrante é o pseudônimo de uma escritora italiana que tem feito sucesso desde a publicação de seu primeiro livro, lançado no início da década de 90. Com seu “quarteto napolitano”, publicado entre 2011 e 2014 conquistou o mercado internacional. A escritora italiana concede poucas entrevistas, todas elas por escrito ou por e-mail e intermediadas pelas suas editoras italianas. Nas respectivas entrevistas, realizadas via e-mail ou via telefone, ela explica que optou pelo anonimato para poder escrever com liberdade, e também para que a recepção de seus livros não seja influenciada por uma imagem estereotipada e pública.

Especula-se, com base nas suas obras, que tenha nascido em Nápoles, uma vez que livros como a tetralogia “Série Napolitana”, trazem uma descrição detalhada da cidade e de seus costumes. É possível perceber, através de suas obras, que Elena Ferrante apresenta um sólido conhecimento dos autores clássicos gregos e latinos. Existe nas produções da autora a mesma paisagem napolitana e o mesmo gosto por literatura, especificamente nota-se um apreço por Jane Austen.

Ainda outro fato que merece destaque, é que quando a mulher que utiliza o pseudônimo de Elena Ferrante escreve sobre o ser feminino. Ela fala a nós, mulheres, e nos expurga do limbo em que vivemos em mistério de existirmos humanos, isto é homens e

mulheres, na incompletude de quem busca as origens do nosso interior. A escritora italiana Elena Ferrante, sobre quem se sabe muito pouco, tem um traço recorrente em sua literatura, que se tornou conhecida mundialmente graças à excelente Tetralogia Napolitana: seus livros trazem personagens femininas muito fortes, que se debatem em uma estrutura patriarcal e tentam fazer valer seus desejos e vontades, ainda que para isso tenham de pagar preços muito altos.

O método de análise de textos é uma técnica intrínseca ao pensamento humano, é inerente ao ser humano, tal como proporciona um hábito generalizado em diferentes áreas do saber e também na linguagem corrente. A análise que será realizada no próximo capítulo, pode-se dizer que é empregada como um recurso analítico e interpretativo, de modo que consiste em um meio e não em um fim. Em virtude dos argumentos apresentados no próximo capítulo será realizado um cruzamento de ideias entre a escritora modernista britânica Virginia Woolf no ensaio intitulado de Um Teto Todo Seu que se trata sobre a coletânea de palestras realizadas pela autora feminista e a personagem Leda da narrativa contemporânea A Filha Perdida da escritora italiana Elena Ferrante, no que diz respeito às lutas enfrentadas quanto a emancipação financeira, maternidade e produção literária feminina em nossa conjuntura social.

### **3 CRUZAMENTO DE IDÉIAS ENTRE VIRGINIA WOOLF NO ENSAIO UM TETO TODO SEU E A PERSONAGEM LEDA DE ELENA FERRANTE**

Neste capítulo tratar-se-á do cruzamento das ideias entre Virginia Woolf no ensaio de Um Teto Todo Seu (1929) e a personagem principal do livro A filha perdida (2016) da escritora que utiliza o pseudônimo de Elena Ferrante.



Possibilitar a comparação entre escritoras que potencializam o feminismo e suas vertentes para que então seja possível realizar um cruzamento de ideias, e até mesmo o que não converge entre os discursos, pois uma obra literária, um ensaio e um personagem é um agrupamento de vivências, experiências e lutas de um escritor.

### 3.1 A EMANCIPAÇÃO DA MULHER POR MEIO DA PALAVRA

A partir da leitura do ensaio de Virginia Woolf (1882) intitulado de *Um Teto Todo Seu* (1929) que foi baseado em palestras proferidas por Virginia Woolf nas faculdades de Newham e Girton em 1928, o ensaio *Um Teto Todo Seu* é uma reflexão acerca das condições sociais da mulher e a sua influência na produção literária feminina.

Na introdução da análise, são traçadas algumas aproximações entre a escritora Virgínia Woolf e a personagem principal Leda do livro da trilogia napolitana *A Filha Perdida* de Elena Ferrante no plano estético que comprovam o cruzamento de idéias e analogias entre os textos das escritoras: uma renomada escritora da época modernista e a personagem principal da obra contemporânea.

O título do livro de não ficção de Virginia Woolf *Um Teto Todo Seu* escrito com letras maiúsculas remetem ao que a escritora pontua em que medida a posição que a mulher ocupa na sociedade acarreta dificuldades para a expressão livre de **seu** pensamento, para que essa expressão seja transformada em uma escrita sem sujeição e, finalmente, para que essa escrita seja recebida com consideração, em vez da indiferença comumente reservada às mulheres que ousavam escrever e publicar seus livros.

Igualmente, o título *A filha Perdida* nos conta a história da professora universitária chamada Leda que aluga uma casa e vai, sozinha, em uma viagem que acaba não sendo exatamente um descanso, mas aquilo que chamamos de “uma jornada de autoconhecimento”. Uma família barulhenta, tipicamente napolitana, faz com que ela se lembre dela própria, da sua relação com a construção da sua carreira e a sua maternidade em outras fases de sua vida.

No momento presente, pensando na configuração social e a partir das contribuições das mulheres para a literatura ao longo da história, pode-se dizer que está entrelaçada a todas as mulheres autoras. Dessa maneira, é necessário problematizar duas questões evidentes uma delas diz respeito ao acesso à literatura tradicional, especificamente em relação ao espaço que traz predominantemente a figura masculina disponível, fato indiscutível que Virginia

Woolf (1929) problematizou dizendo que a literatura está coberta com os destroços de homens que se importaram além da razão com a opinião dos outros (WOOLF, 2020, p.72).

De forma inquestionável, a mulher sempre esteve à margem de todos os espaços sociais, assim como no espaço literário que a figura feminina por muito tempo e pela cultura patriarcal, sexista, machista e ocidental promoveu, a mulher foi apenas a personagem dos romances e não a produtora. Virginia Woolf inicia seu ensaio desta maneira abrindo mão de seu nome, algo que é subjetivo, pois assim se igualaria a todas as mulheres do final do século XX e início do século XXI, isso aconteceu em 1929. Da mesma maneira, a escritora italiana Elena Ferrante faz uso de um pseudônimo desde a década de noventa e a sua identidade ainda é desconhecida.

“Então estava eu (me chamem de Mary Beton, mary Seton, Mary Carmichael ou de qualquer outro nome que prefiram - isso não tem importância)” (WOOLF, 2020, p.11)

Nos últimos anos houve diversos avanços e conquistas no que diz respeito ao feminismo e à invisibilidade da figura da mulher, em contraste à figura da esposa que era a pessoa responsável por tudo e fazia parte do ambiente doméstico, isto é, da porta da casa para dentro, e nada mais. Muitas não tinham acesso a qualquer forma de instrução, seja cultural, social ou até mesmo sexual e toda mulher que demonstrava ter qualquer tipo de ambição era marginalizada. Esse tipo de postura era vista como algo fora do que era esperado pela conjuntura social, algo inadequado e proibido para a mulher, pois o destino feminino é o da submissão.

Conforme Vasconcelos (1995), apesar dos romances do século XVIII terem valorizado e mudado a imagem feminina perante à sociedade, muitas vezes esse retrato era algo cultural e social e não um modo de ser natural da mulher. De forma inquestionável, as autoras não só problematizaram os desafios da sua época, como também contribuíram para constituir uma sociedade equitativa para as próximas gerações.

Pode-se reiterar que tanto Virginia Woolf, em seu ensaio *Um teto Todo Seu* (1929) e Elena Ferrante com a sua personagem Leda no livro *A Filha Perdida* (2016) que compõem a tetralogia napolitana dialogam temas inerentes aos desafios perpassados pela mulher, tais como a emancipação financeira. De acordo como Virginia Woolf diz: “Uma mulher deve ter dinheiro e um teto todo dela se ela se dispõe a escrever ficção”. ( WOOLF, 2020, p. 10)

A literatura, assim como a arte em geral, foi, por muito tempo, realizada pelos homens, geralmente brancos, da classe média e heterossexuais, o que sempre excluiu expressões artísticas feitas por negros, mulheres e outras minorias marginalizadas por uma sociedade baseada no elitismo, no branquismo e no gênero masculino. Esses fatores levaram historicamente falando, à formação de um modelo literário excludente, estabelecido de acordo com determinada sociedade e sua cultura. É isso que explica a escassez, por séculos, de obras de escritores vindos das ditas minorias como negros, mulheres e homossexuais. Para que a mulher conseguisse alguma representatividade, fez-se necessário que, mediante a crítica feminista, começassem os questionamentos quanto à construção social e cultural da estrutura social vigente. Da mesma forma, o corpo feminino sempre foi uma questão de discussão para os homens, principalmente no que se refere a maternidade.

O corpo de um mulher faz mil coisas diferentes, dá duro, corre, estuda, fantasia, inventa, se esgota e, enquanto isso os seios crescem o lábio do sexo incham, a carne pulsa com uma vida redonda que é sua, a sua vida, mas que empurra você para longe, não lhe dá atenção, embora habite sua barriga, alegre e pesada, desfruta como um impulso voraz e, todavia, repulsiva como encherto de um inseto venenoso de uma veia.

Sua vida quer se tornar a de outro. Bianca foi expulsa, se expulsou, mas - era o que todos à nossa volta acreditavam, então nós também acreditamos - não podia crescer sozinha, triste demais, era necessário um irmão, uma irmã para lhe fazer companhia. Por isso, logo depois dela, programei, obediente, sim, exatamente como se diz, programei que crescesse no meu ventre Marta.

Assim, aos vinte e cinco anos, qualquer outra brincadeira havia acabado para mim. O pai corria mundo a fora, uma oportunidade atrás da outra. não tinha nem o tempo de reparar o fora copiado do seu corpo, como havia resultado a reprodução. Mau olhava as duas meninas, mas dizia com ternura verdadeira: são iguazinhas a você. (FERRANTE, 2016, p.45)

Pode-se realizar um paralelo entre o que a personagem principal Leda de A Filha Perdida cita sobre umas das questões mais desafiadoras para o corpo feminino, que é a maternidade, algo que por muito tempo serviu de controle do patriarcado sobre o corpo das mulheres e o que Virginia Woolf nos disse em um Teto Todo Seu que:

Mas é obvio que os valores das mulheres diferem muito frequentemente dos valores que foram criados pelo outro sexo (WOOLF, ano2020, p.93)

Nesse sentido,

Pois, para subvencionar uma faculdade haveria a necessidade de suprimir completamente as famílias. Fazer fortuna e criar treze filhos - nenhum ser humano suportaria. Considerem os fatos, dissemos. Primeiro há nove meses antes do bebe nascer, depois ele nasce. Na sequência são três ou quatro meses amamentando o bebe. depois que o bebe estiver amamentando há

certamente mais uns cinco anos empregados em brincar com ele. Pelo que parece, não se pode deixar as crianças correrem soltas pela rua. Pessoas que as viram correr livres na Rússia dizem que a visão não é prazerosa, dizem também que a personalidade se forma entre um e cinco anos. (WOOLF, 2020, 30.)

Tudo se soma ao fato de que a escritora desse ensaio do século passado pode-se cruzar ao ideal de vida da Leda, personagem que é assolada pela indecisão imposta pela sociedade a respeito do que é ser uma boa mãe, ou até mesmo do valor que uma mulher tem. Em meio às incertezas impostas pela estrutura patriarcal, a personagem Leda decide, após 25 anos de maternidade, fazer o que sempre teve vontade, dispondo um tempo a ela mesma e assim obtendo respostas a perguntas sobre ela mesma, sua vida e a forma como vive.

De acordo com Virginia Woolf: (mulheres e ficção)

Mas ainda é verdade que, antes de escrever exatamente como deseja, uma mulher tem muitas dificuldades a enfrentar. Antes de tudo há a dificuldade técnica - tão simples na aparência. Mas tão desconcertante, na realidade, que na própria forma da frase não é compatível com ela. (Woolf, p. 14)

Ainda, outro fato que merece destaque é que o universo das obras, não são resultados de oposição entre si, mas de uma aproximação entre o discurso de uma escritora do modernismo europeu e da personagem principal de uma autora pós-modernista italiana que supõe-se ser uma mulher, e que escrevem sobre liberdade feminina em tempos e cenários diferentes. Por outro lado, tanto Woolf quanto Ferrante socializaram suas experiências e vivências em suas obras, retratando a falta de valor dos cuidados em relação à família que a mulher por séculos foi sentenciada a cumprir. Sendo assim, diversas escritoras chamam atenção para esse fato..

Por outro lado, ainda é preciso chamar a atenção para o valor dos cuidados. Nem sempre as tarefas desempenhadas por mulheres comuns ganham notoriedade e recebem atenção das histórias mais conhecidas e contadas do feminismo. (FRACARO, 2020, p. 11)

Inegavelmente, a mulher para a escritora feminista Virginia Woolf, no século XX é equivalente ao que a autora Elena Ferrante defende e escreve, no século XXI em seus textos, uma vez que as duas autoras defendem a liberdade, a emancipação, a valorização pelo cuidado e a escolha pela maternidade para a mulher de uma maneira natural e não imposta pela conjuntura social.

A literatura está aberta para todo mundo. Me recuso a permitir que você, embora seja o bedel, me enxote da grama. tranque suas bibliotecas se

preferir, mas não há nenhuma porta, nenhuma tranca, nenhum ferrolho que você pode colocar sobre a liberdade da minha mente. (WOOLF, 2021. p. 96)

Assim, a mulher resistiu para então ser possível existir. É provável que a figura feminina foi por muito tempo a criatura e não a criadora nos textos da literatura. Logo, mulheres de luta que enfrentam as adversidades impostas e que não sucumbiram às imposições como nos diz Virginia Woolf em seu ensaio que o patriarcado pode até tentar, mas jamais conseguirá destruir a nossa liberdade.

### 3.2 OS DESAFIOS NO UNIVERSO FEMININO NO ENSAIO DE NÃO FICÇÃO UM TETO TODO SEU E A PERSONAGEM LEDA DA NARRATIVA A FILHA PERDIDA

Quando Virginia Woolf escreveu o ensaio de não-ficção *Um Teto Todo Seu* em 1929 em um cenário europeu Modernista dominado pelos homens, essa autora plural inovadora e feminista, que discorreu sobre um tema que naquela época era proibido, uma vez que mulheres não tinham liberdade para escrever, para seguir os seus desejos e os seus sonhos, a única forma de uma mulher sobreviver em 1929 era sendo dona de casa cuidadora do Lar e da família. Virgínia escreveu mais de 500 artigos em que ela expõe suas ideias e seus desejo. Um dos mais famosos é um ensaio de não ficção intitulado *Um Teto Todo Seu* em que a escritora contesta a conjuntura social da época. De maneira inteligente ela dialoga com a vida das mulheres da época.

De vez em quando uma Emily Brönte ou Robert Burns brilha e marca sua presença. mas certamente nunca foi registrado em papel. quando, todavia, se lê sobre uma bruxa que desaparece, ou sobre uma mulher possuída por demônios, o sobre uma mulher sábia vendendo ervas, o mesmo sobre um homem notável que teve perdido, um poeta reprimido, de alguma Jane Austin muda e em glória, alguma Emily Brönte que jogou sua inteligência pela charneca o esfregou e aparou as estradas louca com a tortura que seu dom lhe havia causado. De fato, eu ousaria adivinhar que é no vírgula que escreveu tantos poemas sem cantá-las, era uma mulher. Era uma mulher que Eduardo Gerald achou, sugeriu que tivesse criado as baladas e as canções populares, cantando-as para seus filhos, distraindo sua costura com elas ou a duração de uma noite de inverno. isso pode ser verdade, pode ser mentira - Quem é capaz de dizer? (WOOLF, 2020, p.64)

Assim, Virginia discorre sobre a falta de registros das produções femininas na época, sendo que é bem provável que ao longo da nossa história muitas mulheres escreveram, produziram e contribuíram para a literatura. Sobre os fatos mencionados a autora não nos oferece uma solução, contudo faz um convite a reflexão sobre esses entraves presentes no universo feminino até hoje. Ainda sobre a escassez de possibilidades, a autora afirma: "

Abram a duquesa e encontrarão a mesma explosão de fúria. ‘’ Mulheres vivem como morcegos ou corujas, trabalham como bestas e morrem como vermes....’’ ( Woolf, 2020, p.79)

No mesmo sentido, a alegação que permeou a imagem das mulheres como seres imperfeitos por natureza, seres inferiores aos homens e que naturalmente estariam destinados a serem submissas ao patriarcado. Inegavelmente, essas ideias obtiveram êxito em manter a mulher no espaço doméstico, impondo regras de conduta que regulavam seu comportamento, constituindo assim, na esposa perfeita que era submissa ao marido e depois aos filhos. A mulher até 1840 era considerada como objeto de posse, rainha do lar.

A literatura constitui parte integrante do campo cultural e sua evolução foi controlada, até há pouco tempo, pela ideologia patriarcal e por seus pressupostos, sobre as diferenciações assimétricas e hierárquicas de gênero: dessa forma, as mulheres que, no passado, procuram atuar no campo das Letras, acabaram por ficar à margem da literatura, e, portanto, silenciadas e esquecidas nas histórias literárias. (SANTOS, et al. 2015, p. 13)

Pode-se reiterar que a literatura é a expressão criativa do mundo, estética e cultural da nossa linguagem escrita e lida. Pela literatura, podemos alcançar uma avaliação profunda e abrangente de como anda a igualdade de gênero. Com efeito, a escrita possibilitou o aceleração da disseminação e produção de conhecimentos e o exercício da liberdade de expressão. As mulheres, no entanto, foram excluídas da escrita e da leitura ao serem alijadas dos processos educacionais e das construções simbólicas das relações sociais. Mesmo assim, as mulheres resultaram e produziram e também ocuparam espaços que não eram permitidos.

Em acréscimo dessas boas qualidades, a outras duas que ainda merecem ser discutidas. A mudança que transformou a mulher inglesa, de influência indefinida, flutuante e vaga que ela era, número leitora, uma assalariada, numa cidade responsável, causou tanto em sua vida quanto em sua arte uma virada para o pessoal. Suas relações agora não são apenas emocionais; são intelectuais, são políticas. O velho sistema, que a condenava a olhar de esguelha para as coisas, pelos olhos ou pelos interesses do marido ou do irmão, deu lugar aos interesses diretos e práticos de alguém que tem que agir por si mesma, e não somente influenciar as ações dos outros. (WOOLF, 2019, p. 17)

Logo, é evidente que a sociedade patriarcal, sexista e misógina que por muitos séculos se encarregou de afastar as mulheres da educação, da emancipação financeira, do pensar em si e agir por si. Para tanto, a personagem construída por Elena Ferrante, uma escritora contemporânea, no tempo presente nos faz refletir sobre os papéis e o feminino existentes na mulher.

Que bobagem pensar que é possível falar de si mesmo aos filhos antes que eles tenham pelo menos cinquenta anos. querer ser vista por eles como uma pessoa e não como uma função. Dizer: sou sua história, vocês começam comigo, escutem, pode ser útil (FERRANTE, 2016, p. 98)

Tendo em vista os fatos mencionados, a personagem principal Leda da narrativa A filha perdida e a escritora Virginia Woolf reverberam questionamentos e lançam luz a inquietações inerentes ao universo feminino. Como também, contribuem para uma visão realista e crua da experiência de tornar-se mãe e do feminino existente na mulher que faz parte da nossa sociedade, de todas as cobranças e dúvidas que permeiam essa função social. Sendo assim, a empatia em relação à sobrecarga de uma mulher, as cobranças relacionadas à maternidade, o incômodo diante do abandono da família e a preocupação sobre a vulnerabilidade das crianças em meio a turbulências sem nome são alguns dos sentimentos despertados.

**QUADRO 1 - Comparativo sobre a vidas das escritoras e suas ideias**

Autora	Data de nascimento ou século?	Nacionalidade	Principais obras	Principais temas	Lutas feministas	Como as mulheres são representadas nas obras?
Virginia Woolf	25/01/1982	Britânica	Mrs Dalloway (1925) A Room of One's Own (1929)	A mulher e a literatura.	A relação patriarcal da sociedade inglesa da época, à dificuldade da mulher conquistar seu espaço diante do pouco acesso à educação e da opressão sofrida pelos homens.	Mulheres livres

			Two the lighthouse (1927)			
Elena Ferrante	05/04/1943	Italiana	Tetralogia Napolitana	A mulher, a maternidade e sobre a idade da mulher.	Luta das mulheres pela emancipação e liberdade e pela maternidade.	Mulheres livres

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se vive hoje é resultado da construção social dos nossos antepassados, as experiências e vivências daqueles que contribuíram de alguma maneira para a nossa história enquanto corpo social. Desse modo, na literatura como na vida comparamos tudo ao nosso redor e é comum realizar analogias em todos os âmbitos humanos. Além disso, a figura da mulher foi por muito tempo sinônimo de fragilidade e por este motivo silenciada.



Ademais, ao longo desta pesquisa foi abordado uma análise entre o ensaio de não ficção de Virginia Woolf intitulado de *Um Teto Todo Seu* e a personagem principal Leda da narrativa ficcional de Elena Ferrante, escritora que faz uso de um método muito utilizado no séculos XIX e XX, o pseudônimo, antecedentes ao século presente, como também foi tecido um cruzamento de ideias e ideais entre a criadora de um ensaio e a criatura de uma ficção, para então arrematar que a vida e a literatura estão entrelaçadas.

Pondera-se que as mulheres representadas tanto na obra de não-ficção de Virginia Woolf quanto na ficção de Elena Ferrante, em tempos e cenários tão distintos, porém que compartilham de preconceitos e percalços em virtude de seu gênero e ainda que as lutas e representações femininas atravessam o tempo. Sendo assim, muitas conquistas foram alcançadas.

Em virtude dos fatos mencionados, foi possível considerar que a mulher vivenciou e ainda experienciou preconceitos. Em geral, ainda são mais afetadas através de idéias, palavras e atos, determinando diferentes comportamentos sociais quando comparadas aos homens tomando por base o cruzamento de textos acima mencionados.

## **REFERÊNCIAS**

ARISTÓTELES. **História dos Animais**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

AUSTEN, Jane. **A Abadia de Northanger**. São Paulo, SP: LandMark, 2012.

BOURDIEU, P. **Novas reflexões sobre a dominação masculina**. In: LOPES, M. J. M.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R. (Orgs). *Gênero e Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CAVALCANTI, Rosália. **Virginia Woolf e as mulheres**. Niterói:2016.

FERRANTE, Elena. **A filha perdida**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016

FUSINI, Nádia. **Sou dona da minha alma: o segredo de Virginia Woolf**. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2010

REVISTA CULT. **10 autoras que publicavam sob pseudônimos masculinos**. 2018.

Disponível em:

<https://revistacult.uol.com.br/home/10-autoras-que-precisaram-de-pseudonimos-masculinos-para-publicar-suas-obras/> Acesso: 12 Jun. 2022

HYPENESS. **O primeiro autor do mundo era uma mulher**. 2022. Disponível em:

<https://www.hypeness.com.br/2020/04/o-primeiro-autor-do-mundo-era-uma-mulher/>

Acesso: 23 Jun. 2022

FUSINI, Nádia. **Sou dona da minha alma: o segredo de Virginia Woolf**. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2010

ZIZANE, Cecil J. Albert; SANTOS, Salete R. Pezzi. **A mulher na história da literatura: estudos da produção literária de escritoras da Região de Colonização Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 2015.

RAGO, M. **Epistemologia feminista, gênero e história. Masculino, Feminino, Plural**.

Florianópolis-SC:Mulheres,1998. Disponível em:

[http://projcnpq.mpbnet.com.br/textos/epistemologia\\_feminista.pdf](http://projcnpq.mpbnet.com.br/textos/epistemologia_feminista.pdf) Acesso: 04 Abr. 2022

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2019

WOOLF, Virginia: **Mulheres e Ficção**. São Paulo, SP: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

WOOLF, Virginia: **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Porto Alegre, RS: L &PM, 2021

WOOLF, Virginia: **Um teto todo seu**. São Paulo, SP: Tordesilhas, 2017.

SPIVAK, Chakravorty Gayatry. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Questões de Gênero e de Representação na contemporaneidade**. Letras, Santa Maria, v. 20, n. 41, p. 183-195, jul./dez. 2010

VASCONCELOS, S, G, T. **Construções do feminino no romance inglês do século XVIII.** Polifonia - UFMT, Cuiabá, n.2, p.85 -100, 1995. Disponível em: <https://www.ufmt.br/ndihr/revista/revistas-antiores/revista-dm-16.pdf>> Acesso em: 5 Jun. 2022

GREELANE. **Mulheres escritoras do mundo antigo:** Suméria, Roma, Grécia, Alexandria. 2019. Disponível em: <https://www.greelane.com/pt/humanidades/hist%c3%b3ria--cultura/ancient-women-writers-3530818/> Acesso: 22 Maio 2022

ANEXOS:



